Alguns versos controvertidos de *Os Lusíadas*

Leodegário A. de Azevedo Filho,
Professor emérito da UERJ, titular da UFRJ e
Presidente da Academia Brasileira de Filologia

A projeção internacional da epopéia camoniana começou bem cedo: em terras de Itália, berço do Renascimento, Torquato Tasso, com um soneto, celebrou o autor de *Os Lusíadas*. Ainda em vida de Camões (1580), em Espanha, Benito Caldera traduziu sua **opera magna** para a língua castelhana. Outras traduções foram feitas, relembrando-se aqui a de Paggi, para o italiano, e a de Fanshave para o inglês. A partir do século XVIII, bem se sabe que o número de traduções aumentou consideravelmente: França, Alemanha, Rússia, Polônia, Dinamarca, Suécia, Hungria, entre outras nações. Basta mencionar aqui, a título de exemplificação, as traduções de Ankinson; de Leonard Bacon; de Roger Bismut; de Ildefonso Manuel Gil; de Edgard Prestage; de Aubrey Bell e Bowra; de Farinelli; de Pellizari; de S. Pellegrini; e a de Crocetti, entre muitas e muitas outras. Ver, a propósito, na segunda impressão do livro *As edições de Os Lusíadas*, de Rolando Monteiro (Rio de Janeiro, 1979), a relação de 274 edições em língua portuguesa e 150 em línguas estrangeiras. Como é evidente, tais edições e traduções partiram de um texto-base, que não foi o manuscrito camoniano, inteiramente perdido. Afora as traduções de segunda ou terceira mão, simplesmente reduplicadoras, as boas edições partiram das duas publicadas em 1572: a primeira apresentando, na xilogravura da portada do livro, um pelicano com a cabeça voltada para a esquerda do leitor, considerada a melhor; e a segunda, o mesmo pelicano, mas com a cabeça virada para a direita do leitor. O texto das duas edições, já por si, apresenta graves divergências, aliás importantíssimas para a determinação possível da verdadeira **editio princeps.** Logo no verso 7 da primeira estrofe, lê-se: "E entre gente remota edificaram", isto na edição com o bico do pelicano virado para a esquerda do leitor; e lê-se: "Entre gente remota edificaram", já agora na edição com o bico do pelicano voltado para a direita do leitor. A primeira dessas impressões é denominada "Ee"; e a segunda, edição "E", levando-se em conta o início do verso acima indicado.

Em defesa da edição "Ee", como **princeps**, sendo mera contrafação a edição "E", os especialistas têm mencionado e discutido algumas questões de fundamental interesse para a moderna crítica textual. Vejamos alguns desses

problemas:

a) Quando as infidas gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram
(Edição "Ee", II, 1 7)

Na edição "E", a palavra "infidas", clara **lectio difficilior**, foi substituída por "fingidas". Por **conformatio textus** e, também, em face do princípio de que **lectio difficilior potior**, a palavra "infidas" é a que melhor se ajusta ao verso de Camões. Por ser inusitado o emprego do latinismo "infindas", mesmo no português quinhentista, banalizou-se ou trivializou-se o verso com a substituição arbitrária do citado latinismo por "fingidas". Época de relatinização do idioma, talvez a palavra em causa tenha entrado na língua exatamente em 1572, com a edição "Ee" de *Os Lusíadas*. O adjetivo "infido" (do latim **infidus, a, um**), "infiel", não nos consta que se encontre, em língua portuguesa, antes do século XVI.

b) Português Cipião chamar-se deve,
(Edição "Ee", VIII, 32, 3)

A referência é feita a D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável, tido como "o segundo fundador da pátria", por ser o vencedor da famosa Batalha de Aljubarrota. Aqui também a leitura da edição "E" difere da leitura da edição "Ee", pois lá se encontra o seguinte: "Português Capitão", banalizando-se novamente o verso. Como é sabido, Públio Cornélio Cipião, general romano, derrotou Cartago, inimigo de Roma, assim como D. Nuno Álvares Pereira livrou Portugal de Castela. E como Cipião foi cognominado "o segundo fundador de Roma", o Condestável foi o "segundo fundador da pátria portuguesa". Dizer que D. Nuno Álvares Pereira foi apenas um simples "Português Capitão" seria equipará-lo a um subordinado seu. Trata-se, portanto, de outro caso de **lectio difficilior**. E bem se sabe que, em princípio, **lectio difficilior potior**.

c) Na edição "Ee", lê-se:
A sublime bandeira Castelhana
Foy derribada os pês da Lusitana.
(IV,41,8)

Na edição "E", por seu turno, lê-se:
A sublime bandeira Castelhana,
Foy derribada os pês da Lusitana.
(IV,41,8)

Na transcrição diplomática dos versos, acima feita, vê-se que a única diferença entre eles é que a edição "E" usa uma vírgula no fim do sétimo verso, separando o sujeito do predicado, em grosseiro erro de pontuação. O resto é igual. E, sendo igual, somente por **judicium** – já que os autógrafos se perderam – os editores da epopéia camoniana puseram-se a discutir o problema, com várias conjecturas, como vamos ver.

Realmente, o uso popular da contração gramatical ao em ó, que já vem do

galego-português do século XIII, como procuramos mostrar no livro *As cantigas de Pero Meogo*, apenas atesta a penetração, na língua literária, de uma particularidade da língua falada. Portanto, aqui se trata da forma popular e contracta os no lugar da forma plena aos, sem qualquer estranheza, pois na língua literária de *Os Lusíadas,* ao lado de termos eruditos, como há pouco vimos, convivem termos arcaicos e, também, populares. Entretanto, algumas edições transcrevem o verso assim: "Foi derribada [a]os pés da Lusitana." A nosso ver, o certo é grafar-se .. ós.., com nota explicativa no fim da página. A forma lingüística deve ser respeitada.

d) Na edição "Ee", lê-se:

Vendo rosto o férreo cano erguido.

(IX, 74, 3)

Na edição "E", lê-se:

Vendo rosto o férreo cano erguido.

(IX, 74, 3)

Tudo exatamente igual, abrindo-se aqui novo espaço para interferência do juízo crítico (**judicium**), já que os autógrafos se perderam. De pronto, nas duas edições quinhentistas, o verso se apresenta com apenas nove sílabas métricas, a não ser que se considere como hiato intervocabular, aliás forçado, o encontro de .. rosto + o .. Por essa razão, Augusto Epifânio da Silva Dias, recorrendo ao princípio da **emendatio ope conjecturae**, ao preencher provável lacuna no verso (**supplere**), nele introduziu o monossílabo .. no .. entre os dois vocábulos iniciais do verso.

Estaria errado o grande editor de Camões?

Não, a nosso ver, justificando-se aqui a sua emenda conjectural, já que os originais da obra se perderam. No caso, também tem sido recusada a emenda .. ao rosto .. no lugar de .. no rosto .., também por motivo de ordem métrica.

Observe-se ainda que, em boas edições, aparece o verso assim:

Vendo [ó] rosto o férreo cano erguido

Aqui, a emenda conjectural introduziu no verso a forma popular e contracta .. ó .. por .. ao .. Em qualquer dessas hipóteses, o verso apresenta um problema métrico, gerando dúvida quanto ao número de sílabas: 9 ou 10? Por isso, aceitamos a leitura conjectural de Augusto Epifânio da Silva Dias.

Vejamos ainda outros casos em que a edição "E" muda completamente o sentido dos versos que se encontram na edição "Ee", esta última, seguramente, a **editio princeps** de *Os Lusíadas:*

e) Canto VI, 85, 6:

Ee – De quem foge o ensífero Orionte,

E - De quem foge o ensífero Oriente,

Ora, Orionte é a constelação de Órion, nada tendo a ver com Oriente. Novamente, em face de **lectio difficilior**, o verso foi banalizado.

f) Canto IX, 91, 2:

Ee – Por feitos imortais e soberanos,

E - Por feitos mortais e soberanos,

Como se vê, na edição "E" muda-se completamente o sentido do verso, com a substituição de .. feitos imortais por .. feitos mortais.

g) Canto X, 45, 3:

Ee – Mas alembrou-lhe ũa ira que o condena

E - Mas alembro-te ũa ira que o condena

Novamente, a edição "E" mudou o sentido do verso que se encontra na edição "Ee", com o uso de .. alembro-te .. por .. alembrou-lhe .. Resultado: o verso perdeu o acento da quarta sílaba.

h) Canto X, 126, 5:

Ee – Vê nos remotos montes outras gentes,

E - Vê nos remotos ventos outras gentes,

A substituição de ..montes.. por ..ventos.. altera completamente o sentido do verso. Por **conformatio textus**, é claro que aqui se impõe a leitura de "Ee".

i) Canto X, 156, 4:

Ee – Os muros de Marrocos e Trudante,

E - Os mouros de Marrocos e Trudante,

Como é claro, o uso de ..mouros.. por ..muros.. vai alterar totalmente o sentido do verso. Mais uma vez, por **conformatio textus**, impõe-se a leitura de "Ee".

j)Em seguida, vejamos o verso que mais tem provocado discussão e divergência em *Os Lusíadas*, com a mesma leitura em "Ee" e "E":

Da primeira co terreno seio,

(IX, 21, 6)

Com efeito, na *Revista de Língua Portuguesa* (nº 33, p. 74), José Maria Rodrigues já observou que, em tal verso, tem-se "uma verdadeira **crux interpretum**." E tinha razão, pois ele já fez correr muita tinta, sem qualquer consenso. Na verdade, o verso se apresenta mutilado aos olhos de pequenos e grandes editores: são nove ou dez sílabas métricas? Para resolver o problema, já houve até quem pensasse em hiato intervocabular, por diérese, em ..pri-me-i-ro.., quebrando-se o ritmo do verso, sem resolver a questão. Hamilton Elia sugere: "Da ilha primeira co terreno seio", seguindo as pegadas da doutora Anne Gallut. (cf. *Normas para uma edição crítica de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 1981, p. 34).

Mas vamos aos editores modernos, a começar por A. J. da Costa Pimpão, aqui citado pela edição de 1972, da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa. O mestre de Coimbra transcreve o verso como está nas edições quinhentistas de 1572: "Da primeira co terreno seio" (p. 228). No comentário, já agora na p. 446, observa que, certamente, tal verso é o mais discutido de *Os*

Lusíadas. E acrescenta:

> *já o era antes de 1613, embora Manuel Correa não tenha aceitado a emenda já proposta: "Da [mãe] primeira co terreno seio." Sem aquela sílaba o verso está errado e, além disso, não faz sentido algum: ter muitas ilhas no reino que confina co terreno seio da primeira não é nada. Não pode haver dúvidas de que o "terreno seio" é a "muyto grande enseada" (Castanheda, I,13) que rodeia o golfão de 750 léguas" (Castanheda, id. ibid., cit. por José Maria Rodrigues) entre Melinde e Calecute, portanto no Oceano Índico. Pensa José Maria Rodrigues que as palavras que "foram substituídas no texto" deviam indicar essa curvatura: "De África e de Ásia co terreno seio." "A mãe primeira" é a Terra. "Que confina da mãe primeira co terreno seio" quer dizer que confina com a grande enseada (o terreno seio) de Ásia e África."*

Por seu turno, o professor Hernâni Cidade, no segundo volume da sua edição de *Os Lusíadas*, Coleção Sá da Costa, segunda edição de 1956, na p. 149, assim transcreve o verso: "Da mãe primeira co terreno seio", sem uso de colchetes. E comenta:

> *Este verso é na ed. princeps: Da primeira co terreno seio. Foi a edição de 1597 que o corrigiu como o apresentamos, sendo provável que por sugestão da tradução espanhola de Benito Caldera: De la primera madre con el seno. Qual o sentido do verso? Para Epifânio, o Reino aludido é o largo mar, "que circunda a parte sólida do globo", ou seja, como diz o Poeta, o terreno seio da Terra Mater. Vénus possui ilhas no Oceano, e não apenas para dentro das Portas Herculanas, ou seja, no Mediterrâneo, fechado pelas colunas de Hércules (= portas Herculanas). José Maria Rodrigues interpreta o terreno seio como o seio ou golfo formado pela costa de Calecut a Melinde e, a seu parecer, o Poeta teria escrito: De África e de Ásia ao terreno seio. Também se pode supor que por Mãe primeira seja designado o berço da Humanidade, segundo a concepção bíblica, ou seja a região onde têm origem os rios Tigre e Eufrates (Vid. 64, IV), onde se ergue a Torre de Babel, o Monte Ararat ... e assim o Reino que com ela confina podia ser o Oceano Índico, considerado como seu prolongamento o Mar Arábico e o Golfo Pérsico. A interpretação de Cláudio Basto parece, porém, a mais inteligente. Vénus – diz o Poeta – além das ilhas soberanas ou seja (dando à palavra o sentido clássico) emergidas, do Mediterrâneo, possui outras nas entranhas do profundo Oceano (40, IX), que é onde o Mar confina com o terreno seio da mãe primeira dos homens – Terra Mater, Tellus Mater. Aparelhar uma dessas ilhas para receber os navegantes seria, não apenas orná-la de galas, enriquecê-la de dons, povoá-la de ninfas, mas também fazê-la surgir das entranhas do profundo Oceano. (Op. cit. p. 149/150).*

Na conhecida edição organizada por António José Saraiva, de 1978, Figueirinhas/Porto e Padrão-Livraria Editora, Rio de Janeiro, mantém-se o verso da **editio princeps**: "Da primeira c'o terreno seio", mas se comenta o seguinte ao lado do texto:

> *O verso 6 está truncado, como se vê pelas sílabas e acento. Mas o sentido é claro. Nos versos 4 a 8 fala-se das ilhas (ínsulas) que Vénus possui em duas zonas diferentes: as que estão no Mediterrâneo (para dentro das portas Herculanas) e as que estão fora, no grande rio ou mar exterior, que os antigos designavam Oceano, filho da Terra. A primeira tradução castelhana d'Os Lusíadas, saída em vida de Camões, supõe que falta no verso 6 a palavra mãe. De facto, o verso ficaria certo se o corrigíssemos assim: Da mãe primeira c'o terreno seio. Seria um verso sáfico (acentos na 4ª, 8ª e 10ª sílabas), de que há vários exemplos n'Os Lusíadas. Quanto ao sentido: o Oceano confina, limita ou encosta-se ao regaço da Terra, sua Mãe; e mãe primitiva de todos os seres. (op. cit. p. 372).*

Na edição de António Salgado Júnior, (*Luís de Camões – Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963) está: "Da [Mãe] primeira co terreno seio", com Mãe entre colchetes, como deve ser. (op. cit. p. 211). No comentário ao verso em questão, na p. 891, escreve o editor:

> *Sempre se considerou errado este verso tal como o apresenta a edição de 1572: Da primeira co terreno seio. A solução geralmente aceita vem já do século XVI. A tradução castelhana de Caldera diz: De la primera madre con el seno. Tal tradução é de 1580. A edição de 1591 também traz: Da mãe primeira co terreno seio. Deviam ter em que se fundamentar."*

Em seguida, na mesma página, Salgado Júnior refere-se à hipótese de José Maria Rodrigues, para quem o verso teria chegado à tipografia na seguinte forma: De África e de Ásia co terreno seio "e que aí alguém teria anotado que a idéia se devia circunscrever ao seio de África, isto é da primeira. O compositor, tomando a nota como correção a fazer, compôs em conseqüência. E, se a Edição Nacional não traz o verso da restituição proposta, fiou-se na reprodução do verso errado de 1572. – Quanto a nós, aceitamos confiadamente a inteligente solução do século XVI."

Em suma, cremos ter indicado aqui, de um ponto de vista crítico, as principais e divergentes proposições de leitura para o verso 6 do nono Canto de *Os Lusíadas*, ficando claro que a nossa posição, sustentada com o parecer de conceituados filólogos, é inteiramente favorável à inclusão da palavra mãe no verso. Assim: "Da [mãe] primeira co terreno seio", verso decassílabo sáfico acentuado na 4ª, 8ª e 10ª sílabas.

Para concluir, observe-se que a "Ilha dos Amores" – ao contrário do que muitos pensam, esforçando-se em indicar a sua precisa localização geográfica – é um lugar inexistente, como fruto da imaginação de Camões. Nesse sentido, convém ler o ensaio do filólogo brasileiro M. Said Ali: "Ilhas e mares n'*Os Lusíadas*", **in** Revista de Cultura , vol. 19, fascículo 145, pp. 43-51, texto republicado no livro *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro, MEC- Departamento de Assuntos Culturais, 1974, volume organizado por Maximiano de Carvalho e Silva. De início, M. Said Ali aceita e defende a emenda, a seu ver indispensável para o perfeito entendimento do texto, proposta na edição crítica de Augusto

Epifânio da Silva Dias, que inclui a palavra "mãe" no sexto verso da estrofe 21 do nono Canto, que é o da Ilha dos Amores. Tal ínsula, como o poeta declara na última estrofe do Canto IX, é pura ficção ou pura fantasia. Aliás, é pelo prisma da mitologia que se deve visualizar e contemplar a "Ilha dos Amores", diferente de todas as ilhas conhecidas pelos humanos. Veja-se o que diz a deusa Vênus:

Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada
De dões de Flora e Zéfiro adornada.

Portanto, a ínsula divina, em sua concepção utópica, é um lugar inexistente. Ilhas de verdade, como a de Chipre e as do Mar Egeu, não possuía a deusa, "nem muitas nem poucas da parte de fora das portas herculanas". E acrescenta M. Said Ali: "Não entra na conta do seu domínio nem sequer a grande e rica Ilha da Madeira." (op. cit. p. 447). Na mesma página, acrescenta ainda o filólogo brasileiro:"Lá no fundo do reino neptunino, onde ele confina com o seio da mãe primeira, onde olhos humanos não chegam, tudo é possível" Por fim, M. Said Ali acredita que se torna perfeitamente inteligível a estrofe 21 do Canto IX, com a devida inclusão da palavra "mãe" no sexto verso. A ilha encantada, emergida das entranhas do profundo Oceano, suavemente impelida por força extraterrena, qual barco veleiro, vai ao encontro das naus portuguesas, para a grande festa dos heróis do mar. Ou seja: "pera prêmio de quanto mal passaram." (IX, 19,6).

Bem certo é que já disseram haver, no verso em causa, um pleonasmo, que o poeta certamente evitaria: "Da [mãe] primeira co terreno seio", como se, em *Os Lusíadas,* não houvesse nenhuma construção pleonástica... A propósito, Epifânio da Silva Dias, sempre em defesa de sua emenda conjectural, depois de observar que "a mãe primeira" é a Terra, a **Tellus Mater**, da religião romana, assinala, com inteira razão, que a tal construção pleonástica seria muito menos estranha que esta: "Se lá dos Céos não vem celeste aviso." (II,59,8). A nosso ver, com tal estudo, M. Said Ali realmente esclareceu a questão, pondo por terra as diferentes tentativas de localização geográfica precisa para a "Ilha dos Amores", entre as quais citamos: ilha de Santa Helena, ilha de Zanzibar, ilha de Bombaim, ilha de Ceilão, ilha da Boa Vida, para os que pensaram numa ilha índica. Entre os que pugnaram por uma ilha atlântica, citamos: ilha Terceira do arquipélago dos Açores, uma ilha do arquipélago de Cabo Verde, a ilha Citera, a ilha da Madeira ou a ilha de Taprobana, antiga ilha de Ceilão, já citada. Mas, na verdade, a ínsula divina, como **locus amoenus**, no dizer de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, é:

> *uma ilha fresca e bela, recoberta de gramínio esmalte, onde límpidas fontes correm por entre verduras e pedras alvas. Verde do arvoredo e da relva e brilho cristalino das águas correntes ou represadas – eis os dois tons cromáticos que inundam toda a paisagem. Depois, numa profusão de perfumes e cores, o poeta pormenoriza e faz avultar os outros elementos que perfazem o quadro do* ***locus amoenus****: frutos variegados, árvo-*

res e flores, muitas delas dotadas de significado simbólico e mítico, cânticos de aves, velozes e elegantes animais de caça... E a coroar a beleza deste paraíso terreal, o bando das ninfas nuas ou semidesnudas, tangendo cítaras, harpas e flautas, perseguindo, em fingida corrida venatória, veados, lebres ou frágeis gazelas, ou banhando os esplêndidos corpos nas águas argênteas. Nesta paisagem luminosa, onde boiam os perfumes e se mesclam as cores, entregaram-se amorosamente aos nautas lusitanos as ninfas de alvas carnes." (Camões: labirintos e fascínios. Lisboa, Cotovia, 1994, p. 134).

Depois do que acabamos de expor, já não cremos possa haver qualquer dúvida sobre o verso aqui discutido: "Da [mãe] primeira co terreno seio." Como dúvida não cremos que haja quanto à localização imaginária da "Ilha dos Amores", por Vênus aparelhada e retirada das profundezas do mar, para o deleite dos nautas portugueses ou como prêmio por seu heroísmo.